

No Pará, 58% rejeitam dividir Estado em três, diz Datafolha

A divisão do Pará é rejeitada por 58% dos eleitores do Estado, de acordo com levantamento realizado pelo Instituto Datafolha.

A pesquisa, encomendada pela **Folha** e pelas TVs Liberal e Tapajós (afiliadas da Rede Globo no Pará), ouviu 880 eleitores paraenses entre os dias 7 e 10 de novembro. A margem de erro é de três pontos percentuais. O plebiscito ocorrerá no dia 11 de dezembro. **Poder A4**

Petrobras registra lucro 42% menor no 3º trimestre

Mercado 1 B1

A OPINIÃO DOS PARAENSES (EM %)

Você é a favor da divisão do Pará para criar o Estado do...



BC faz mudanças e facilita o crédito ao consumidor

Objetivo é estimular compras parceladas e a venda de veículos, para evitar que a economia esfrie demais

Depois de reduzir os juros para estimular a economia, o Banco Central decidiu remover a maior parte das medidas adotadas no final de 2010 para restringir a oferta de crédito. Com a piora da crise na Europa e nos EUA, o governo quer evitar que a economia esfrie demais.

Foi cancelada a exigência que na prática aumentava os juros cobrados em empréstimos para aquisição de veículos em até 60 meses. A medida entra em vigor já. Também foram reduzidas exigências que encareciam o crédito consignado com prazo entre 36 e 60 meses.

O pagamento mínimo das faturas de cartão de crédito, que em dezembro iria para 20%, vai continuar 15%. Com as mudanças, o BC dá combustível para elevar o consumo parcelado —o governo teme que a economia tenha encolhido no terceiro trimestre. **Poder A16**

Jorge Araújo/Folhapress

Senado da Itália aprova pacote, que segue para Câmara

O Senado italiano aprovou um pacote de austeridade que inclui privatizações, congelamento de salários públicos e elevação do imposto sobre consumo e da idade para aposentadoria.

Hoje, a Câmara pode votar o pacote, que visa enxugar € 60 bilhões até 2014.

A aprovação é requisito para que se concretize a renúncia de Silvio Berlusconi.

O primeiro-ministro pode deixar o cargo, que ocupa desde 2008, hoje ou amanhã. O provável é a criação de um governo de consenso, com o economista liberal Mario Monti como premiê.

Os desdobramentos políticos na Itália e a posse do premiê grego, Lucas Papademos, fizeram subir as Bolsas europeias e cair os juros de títulos italianos. **Mundo A18**

PAUL KRUGMAN

Euro não termina em explosão, mas com bunga bunga

Mundo A20

Mensalidades de colégios sobem além da inflação

Estimativa do sindicato de escolas particulares indica que o reajuste de mensalidades na capital para 2012 ficará entre 8% e 12%, contra uma inflação em 2011 entre 5,61% e 6,5%. Será o décimo ano de alta acima da inflação no ensino fundamental. Para escolas, isso se deve a reajustes de funcionários e aluguel. **Cotidiano C1**

PM da USP vai trocar viaturas por base móvel

Cotidiano C7

ILUSTRADA
Coletânea traz a produção acadêmica de Ruth Cardoso **E1**

CIÊNCIA
USP cria tomate roxo, com mais antioxidantes e não transgênico **C9**

FOLHINHA
Excepcionalmente, o suplemento infantil não é publicado hoje

cotidiano c4

Polícia apura se delegado tentou ajudar traficante



» **CHUVA E TRÁFEGO** Paulistanos enfrentam trânsito na Imigrantes em direção ao litoral para aproveitar o 15 de Novembro; às 18h, São Paulo bateu recorde de congestionamento do ano —242 km. Confira o que abre e fecha no feriado **Cotidiano C5**

Letícia Moreira/Folhapress



» **CULTO DAS PRINCESAS** Quase 3.000 mulheres assistem, em SP, à pastora Sarah Sheeva, filha de Baby do Brasil e Pepeu Gomes, pregar abstinência sexual até o casamento **Cotidiano C6**

EDITORIAIS Opinião A2

Leia "Pacificar e punir", sobre a situação da segurança pública no Rio de Janeiro, e "A bomba iraniana", acerca das ambições atômicas do país persa.

ATMOSFERA Cotidiano C2

Calor e pancadas de chuva à tarde
Mínima 20°C Máxima 28°C

FALE COM A FOLHA

Veja como entrar em contato com o serviço ao assinante, as editoriais e o ombudsman fale.folha.com.br

100 páginas - 310.381 exemplares

Estão incluídas
24 páginas de Classificados

ISSN 1414-5723 30173
9 771414 572070

ilustrada

LIVRO
Bastidores de
campanha de
Obama são tema
de jornalistas
Pág. E4 ▶

MÚSICA
SWU começa
hoje em Paulínia
com mais de
70 atrações
Pág. E7 ▶

doutora ruth



A antropóloga
Ruth Cardoso
(1930-2008), em 1980

Geraldo Viola - 12.jul.80/AJB/Futura Press

TRECHO

“O longo caminho de volta da democracia no Brasil também deve ser visto como resultado de um processo de profunda transformação social, implantada à medida que novos espaços políticos eram progressivamente ocupados pela sociedade civil.

Só se podem explicar as enormes manifestações pelas ‘diretas já’ levando em conta a crescente participação, ao longo da última década, das massas populares e das classes médias em movimentos sociais os mais diversos e na vida associativa em todos os níveis: associações de bairro nas grandes cidades com reivindicações em torno de problemas da vida cotidiana, movimentos de mulheres, de negros, de jovens, organizações de estudantes, comissões de profissionais liberais, sindicatos particularmente ativos na região metropolitana de São Paulo etc.

O crescimento selvagem promovido pelo regime autoritário levou à modernização do sistema produtivo e da administração pública, assim como a uma forte expansão dos meios de comunicação de massa.

Mas isso se fez a um exorbitante custo social, cavando um fosso entre a sociedade civil e o Estado. É nesse quadro, tendo como pano de fundo uma urbanização acelerada e sem controle, que surgiram novas formas de reivindicação e que novos interlocutores se apresentaram perante o Estado.”

De “Brésil: la Démocratie Venue d'en Bas” (“Brasil: a Democracia Vinda de Baixo”, 1985-86), artigo originalmente em francês e traduzido para “Ruth Cardoso: Obra Reunida” por Sérgio Goes de Paula.

IZABELA MOI
DE SÃO PAULO

Tomar-se “esposa do presidente”, como Ruth Cardoso (1930-2008) dizia, acabou ofuscando, aos olhos do público, sua história de acadêmica rigorosa, professora dedicada, feminista e intelectual moderna e heterodoxa.

“Por isso tínhamos de fazer este livro”, afirma a ex-aluna Teresa Caldeira, hoje professora na Universidade Berkeley, nos EUA, e organizadora de “Ruth Cardoso: Obra Reunida”.

O volume é o resultado de três anos de trabalho de uma equipe de mais de uma dezena de pessoas que digitalizou todo o material, cotejou dife-

rentes versões e manuscritos, traduziu textos e verificou notas de rodapé e citações.

O livro chega hoje às livrarias e terá lançamento no dia 21 no Centro Ruth Cardoso, em São Paulo. Traz 41 artigos que, segundo a organizadora, são a íntegra da obra acadêmica da antropóloga — e primeira-dama durante os mandatos de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002).

Cinco desses textos eram inéditos em português — foram originalmente escritos

em inglês ou francês.

Há ainda um sexto texto, nunca antes publicado, sobre análise de discurso, mas que circulou por anos entre seus alunos na universidade.

A edição deixou de fora a produção assinada pela então presidente do Conselho do Programa Comunidade Solidária (1995-2002, quando Ruth Cardoso era também a primeira-dama do país).

“Ela escreveu pouco”, afirma Teresa Caldeira. Não apenas porque sua

“produção oral”, de docência, de orientação e de promoção do debate tomavam muito do seu tempo. “Mas porque era muito exigente. Às vezes, depois de o artigo pronto, simplesmente decidia não publicar.”

“Ninguém tinha noção da totalidade da obra da Ruth”, diz o diretor da Mameluco Edições, Jorge Caldeira, responsável pelo projeto.

O volume de quase 600 páginas, que Caldeira considera a edição “definitiva”, se

inicia com os trabalhos sobre os imigrantes japoneses em São Paulo, início da carreira acadêmica de Ruth Cardoso e gatilho para a transformação do olhar da antropologia urbana brasileira.

RUTH CARDOSO: OBRA REUNIDA

AUTOR Ruth Cardoso
(org. Teresa Caldeira)
EDITORA Mameluco
QUANTO R\$ 78 (568 págs.)

▶ LEIA MAIS na pág. E3

Coletânea de artigos que chega hoje às livrarias traz a público, em sua totalidade, a pouco difundida produção acadêmica de **Ruth Cardoso**

Alain de Botton

O MAIS BRILHANTE LEGADO
SUÍÇO, DESDE O
CANIVETE, AGORA
NA INTRINSECA.



www.intrinseca.com.br

intrinseca

'Antidogmática', discutia até mesmo 'receita médica'

Ex-alunos e colegas lembram aspectos da vida intelectual de Ruth Cardoso

Nos relatos, ela surge discreta, engajada, mas sobretudo preocupada com a relação entre teoria e realidade

DE SÃO PAULO

"A influência de Ruth sobre mim foi muito grande. Ela se distinguia, na nossa geração de antropólogos, pela amplitude de seus interesses e de sua formação teórica", escreve Eunice Ribeiro Durham, professora de antropologia na Universidade de São Paulo.

A ex-colega de faculdade de Ruth assina um depoimento no início de "Ruth Cardoso: Obra Reunida". "Não quero mais falar. Escrevi tudo ali", diz à **Folha**. Entre ela e Ruth, foram mais de 50 anos de colaboração intelectual e amizade.

A acadêmica Ruth Cardoso nunca aceitou limites e expôs-se a todas as linhas de pensamento.

Entre 1958 e 1964, participou do grupo de estudos de "O Capital", de Karl Marx, ao lado de Fernando Henrique Cardoso, José Arthur Gierulani e Paul Singer, entre outros.

Em 1962 e 1963, passou um período em Paris, onde frequentou os seminários do antropólogo Claude Lévi-Strauss. "Ela dava aulas sobre o tema, mas nunca foi uma estruturalista", lembra Teresa Caldeira, sua aluna na época. "Nem receita médica ela aceitava sem discutir."

Como intelectual, ela procurava intervir na realidade.

Além de avançar na reflexão das teorias feministas, deixou a discrição de lado na luta pelos direitos das mulheres. No volume estão cinco artigos sobre o tema, veiculados na **Folha** entre 79 e 81.

Ela também integrou a Frente de Mulheres Feministas, fundada em 79 e da qual faziam parte Ruth Escobar e Eva Blay, entre outras. E contribuiu para levar o debate do feminismo para a academia.

"Acho que ela produzia curtos-circuitos, era uma provocadora", lembra a ex-aluna Esther Hamburger, professora na USP. "Resolveu falar de TV quando ninguém falava disso na academia."

"Para Ruth, a análise de um problema nunca era a ilustração de uma teoria. Pelo contrário. Os fatos serviam para refletir sobre o que servia e o que não servia, e para repensar tudo de novo", afirma Hamburger, que fala da preocupação —quase obsessão— da antropóloga em identificar indícios de mu-

dança social na realidade.

"Era uma intelectual antidogmática por excelência", diz Gilberto Velho, doutorando-se, hoje no Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Além de tudo, ela adorava a pesquisa de campo. "Pode perguntar a qualquer ex-aluno", recorda Teresa Caldeira.

Quando se tornou primeira-dama, previu a mudança em sua rotina. "Aí inventou um jeito de continuar seu trabalho: o Comunidade Solidária", diz Hamburger.

Aos 26, Regina Célia Esteves de Siqueira foi chamada

para trabalhar no que viria a ser o Conselho do Programa Comunidade Solidária, em 95. "Muitas vezes ela desembarcou em comunidades

“ Para Ruth, a análise de um problema nunca era a ilustração de uma teoria. Os atos serviam para refletir e repensar tudo

ESTHER HAMBURGER
ex-aluna e professora da USP

afastadas, no interior do país, sem ser reconhecida. Era assim que gostava", conta.

À frente do AlfaSol, que continua o legado iniciado ali, Regina ainda se refere a ela como "doutora" Ruth.

Gilberto Velho lembra que, naquele ano, quando chegou a Brasília ao lado de FHC, perguntaram à antropóloga se ela se importaria de ser chamada de "doutora".

"Claro que não. Eu sou mesmo doutora. E estudei muito para chegar lá", lembra Velho. Mas a história marcou "Dona" Ruth. "Uma injustiça", diz. (IZABELA MOI)



A então primeira-dama Ruth Cardoso, em visita a Londres

CRONOLOGIA

- 1930 Nasce em Araraquara (SP)
- 1952 Bacharelado e licenciatura em ciências sociais, na FFLCH-USP
- 1953 Casa-se com Fernando Henrique Cardoso
- 1959 Mestrado em sociologia na FFLCH-USP
- 1962-63 Período de pesquisas na École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris, França; assiste aos seminários de Claude Lévi-Strauss
- 1964-1967 Exílio no Chile, onde lecionou em três faculdades
- 1972 Doutorado em antropologia social na FFLCH-USP
- 1981-85 Membro do conselho editorial da publicação feminista "Mulherio", em São Paulo
- 1981 Membro fundador do Cedac (Centro de Estudo e Documentação para a Ação Comunitária)
- 1986 Aposenta-se pela USP e passa a integrar o quadro de pesquisadores efetivos do Cebap (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento)
- 1988 Pós-doutorado na Universidade Columbia, nos EUA
- 1995-2002 Primeira-dama, funda e preside o Conselho do Programa Comunidade Solidária
- 2008 Morre em São Paulo

SENOR

Reprodução proibida. Peça ampliada. Preço válido até 19/11/11 ou enquanto durarem os estoques (prevalecendo o que acontecer primeiro). www.montecarlo.com.br | SAC 0800 282 6373

MONTE CARLO
Joias

Coleção Glam ouro 18K com diamantes Monte Carlo

gargantilha borboleta 10x 130, ou à vista R\$ 1.300, | brincos borboleta 10x 135, ou à vista R\$ 1.350,
gargantilha sol 10x 115, ou à vista R\$ 1.150, | brincos sol 10x 126, ou à vista R\$ 1.260,

CRÍTICA ANTROPOLOGIA

Michel Agier analisa confusão e bagunça de centros urbanos

RAFAEL CARIELLO
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Descobrir método e ordem na aparente loucura dos fenômenos coletivos e psicológicos tem sido o projeto das ciências humanas, em geral, e da antropologia, em particular, desde pelo menos o final do século 19.

É esse também o objetivo do francês Michel Agier ao falar sobre os grandes centros urbanos, sobretudo nos países pobres, nas entrevistas e ensaios coletados em "Antropologia da Cidade — Lugares, Situações, Movimentos".

Mas seu objeto de estudo, embora central para qualquer projeto de compreensão do mundo contemporâneo, tem oferecido grandes dificulda-

des à teoria social, particularmente à antropologia. Muito mais do que outros temas, afinal "domados" pela lógica particular das humanidades ao longo do século 20.

A ideia de inconsciente, em Freud, por exemplo, foi capaz de dar significado e coerência à confusão de sintomas neuróticos, a princípio incompreensíveis.

As relações estruturais de sentido, em Claude Lévi-Strauss, tornam legíveis narrativas míticas à primeira vista indecifráveis.

Regras de casamento, lógicas de status, sistemas alternativos de classificação e pensamento, tudo ajudou, e ajuda, a extrair lógica da confusão do mundo.

E a antropologia chega

mesmo a encontrar, nas sociedades pré-industriais, uma espécie de lógica das lógicas: há analogias e ressonâncias entre diferentes esferas da vida; a produção mítica ajuda a explicar e a entender a ordenação social, e vice-versa, por exemplo.

Na cidade, porém, a confusão resiste. Nenhuma lógica de ordenamento parece dar conta, por si só, da complexidade dos centros urbanos. As tentativas de analogia falham. Parece não haver sistema ou modelo que simplifique e traduza a cidade.

Algier passa em revista as principais tentativas da teoria antropológica de dar conta das lógicas sociais nos centros urbanos.

Algumas classificações,

mínimas, parecem resistir: a distinção entre espaços públicos e privados, sobretudo.

As relações entre a "casa" e a "rua", como já na década de 70 propôs o antropólogo Roberto DaMatta, são ainda

NA CIDADE, A CONFUSÃO RESISTE. NENHUMA LÓGICA DE ORDENAMENTO PARECE DAR CONTA DE SUA COMPLEXIDADE

bastante produtivas. Mas é ao afirmar a bagunça da cidade, nos episódios de confusão entre "casa" e "rua", como já fazia DaMatta, que o livro ganha em interesse.

Em alguns momentos, como em manifestações públicas, nas "paradas gays", no Carnaval, cria-se, segundo Agier, um "espaço público nem demasiado privado, nem demasiado estranho". Um terceiro lugar, nem "casa" nem "rua", e que é ao mesmo tempo um pouco dos dois.

Subvertem-se, assim, segundo Agier, as divisões que a sociedade cria, entre negros e brancos, ricos e pobres, hetero e homossexuais.

A cidade se torna ainda mais confusa, a cidade se radicaliza. O que, é claro, gera

reações para repor a ordem. Como exemplo, o antropólogo cita o desenvolvimento histórico do Carnaval em Salvador.

Após um período em que, segundo ele, blocos afro "desembarcavam nos bairros brancos muito elegantes da orla", metendo medo, criando desordem, as autoridades conseguiram recortar "frações do espaço" específicas para cada grupo.

"Segmentou-se a festa do Carnaval, para fazer de modo que 'cada um se sinta em casa'."

Há belos momentos de elogio da bagunça, nesse livro que é também um pouco confuso e bagunçado.

ANTROPOLOGIA DA CIDADE

AUTOR Michel Agier
EDITORA Terceiro Nome
TRADUÇÃO Graça Índias Cordeira
QUANTO R\$ 34 (216 pgs.)
AVALIAÇÃO regular